

TEXTO PROBLEMA

Antropologia Digital e Imaginários Etnográficos: experimentações, dilemas e possibilidades

Carolina Parreiras

Universidade de São Paulo

Departamento de Antropologia, Laboratório Etnográfico de Estudos Tecnológicos e Digitais | São Paulo, Brasil
carolparreiras@gmail.com | ORCID iD: 0000-0001-9741-4776

Patrícia Pavesi

Universidade Federal do Espírito Santo

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais | Vitória, Brasil
pppavesipatricia4@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-8435-7239

O presente Fórum, organizado por Carolina Parreiras (USP) e Patrícia Pavesi (UFES), propõe uma reflexão sobre os desafios e as possibilidades da Antropologia Digital em um contexto marcado pela crescente digitalização da vida social. As pessoas leitoras terão a oportunidade de acessar trabalhos desenvolvidos tanto por pesquisadores/as experientes/as, ativos/as há mais tempo na produção do campo, quanto por jovens pesquisadores/as que representam uma nova geração de antropólogos/as digitais. Essa nova geração vem sendo formada colaborativamente em diversos espaços de pesquisa espalhados por diferentes regiões do Brasil.

Este encontro de gerações só foi possível porque a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) de 2004 marcou o nascimento do primeiro Grupo de Trabalho (GT) dedicado à Antropologia Digital, até então qualificada como Antropologia do Ciberespaço. Esse GT, juntamente com outros organizados por diferentes pesquisadores/as, ao longo dos anos, facilitou a aproximação entre antropólogos/as digitais, mesmo e apesar das diferenças entre abordagens e estilos de investigação. Houve tanto convergências e encontros alegres quanto debates polêmicos e controversos entre colegas que já desenvolviam pesquisas nos, com e pelos ambientes on-line desde os anos 1990. Esse momento marcou o início de um campo de pesquisa

que se expandiu significativamente nos últimos anos. Este Fórum, que celebra os 20 anos do GT, portanto, reúne trabalhos de diferentes gerações de pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as, evidenciando a evolução da produção no campo e os debates que se tornaram centrais.

Em 2024, também celebramos os 20 anos de publicação do primeiro dossiê brasileiro dedicado inteiramente a pesquisas com foco em tecnologia e internet. Organizado por Ana Luiza Carvalho e Rocha e Cornélia Eckert na revista *Horizontes Antropológicos*, o dossiê *Antropologi@web* se tornou um marco na história da antropologia digital brasileira. Nele, encontramos artigos baseados em pesquisas realizadas nos primeiros momentos de uso mais intenso da internet – entretanto ainda longe do caráter cotidiano e incorporado que temos hoje – e também a já clássica tradução do artigo de Daniel Miller e Don Slater sobre as relações contextuais entre on-line e off-line. Em alguma medida, este Fórum é também uma homenagem a essas primeiras pesquisas, que nos formaram e continuam formando novas gerações de pesquisadores/as.

Desse modo, a proposta do Fórum *Antropologia Digital e Imaginários Etnográficos: Experimentações, Dilemas e Possibilidades* busca ampliar o diálogo sobre como a Antropologia pode abordar o caráter cotidiano das tecnologias digitais e da internet, suas implicações para a cultura, as subjetividades e as desigualdades que agentes humanos e não humanos coproduzem e/ou reproduzem. O Fórum convida a um debate sobre as novas formas de fazer pesquisa etnográfica, uma vez que, com a intensificação da datificação, algoritmização e plataformização da vida, torna-se imperativo reavaliar categorias teóricas e metodologias, além de refletir sobre os desafios éticos e epistemológicos inerentes à pesquisa digital.

Um panorama do Campo no Brasil

É importante, desde o início, situar a Antropologia Digital que estamos abordando neste Fórum. Nosso foco está nos estudos que envolvem a internet e tecnologias digitais no Brasil. Este enfoque não inclui outras dimensões de uma Antropologia Digital mais ampla, que vão além dos estudos sobre tecnologias de comunicação e conexão. Do mesmo modo, faz sentido enfatizar que, apesar de ser uma nomenclatura recente, antropologia digital é algo que se produz no Brasil (com outras nomenclaturas, em diferentes momentos) desde a década de 1990. Ressaltamos também que estamos falando de uma área da antropologia que demorou para se legitimar e ser reconhecida, na medida em que havia muita desconfiança em relação aos modos de fazer etnografia que envolvessem a internet e tecnologias digitais. A pandemia de Covid-19 foi, sem dúvidas, o evento que solidificou o trabalho de longa data de pessoas pesquisadoras que se dedicavam ao digital, visto que foi um momento em que grande parte das atividades cotidianas passou a depender diretamente das tecnologias e da internet (e, mesmo quando as possibilidades de conexão e acesso estavam ausentes, isso se tornou um problema social).

A Antropologia Digital, que abrange estudos sobre a internet e diversas tecnologias digitais, manifesta-se de várias formas em termos de temáticas, abordagens teórico-metodológicas e construção de locais de campo. Além da observação participante já amplamente conhecida, a “etnografia digital”, em alguns momentos chamada de “netnografia” – termo proposto pelo antropólogo Kozinets (2022) –, é utilizada em diversas disciplinas. O exercício reflexivo de

alteridade e as disputas entre campos de produção científica ajudaram a construir a identidade própria da Antropologia Digital e do tipo singular de etnografia desenvolvida por pesquisadores da área, que é demarcada por princípios específicos ao fazer etnográfico dos/as antropólogos/as, diferenciando-se, por exemplo, da etnografia utilizada por pesquisadores de campos como a Comunicação Social e as Humanidades Digitais. Ao desenvolverem sua etnografia, os/as antropólogos/as digitais enfatizam métodos e abordagens específicas à disciplina, assegurando a distinção e a singularidade do campo dentro do panorama acadêmico mais amplo. Para uma compreensão mais panorâmica das produções do campo nos últimos 30 anos no Brasil, é importante entender quais são as práticas metodológicas da pesquisa etnográfica digital. Essas práticas incluem um inventário de procedimentos de construção do campo ou *locais de campo* de pesquisa em *ambientes digitais* (Leitão e Gomes, 2011), formas de coleta de dados e tipos de abordagem teórico-epistemológica.

Além disso, precisamos considerar o que Rifiotis e Segata (2016) chamam de “políticas etnográficas”. Essas políticas tocam nas capacidades e disposições que impulsionam os diversos modos de “fazer etnográfico”. Isso abrange desde as escolhas metodológicas e teóricas que fundamentam a produção etnográfica, até as formas criativas e imaginativas produzidas em campo através de processos experimentais.

Essas políticas etnográficas são cruciais, pois não se trata apenas de coletar dados, mas de entender e navegar as dinâmicas de poder e as implicações éticas e políticas envolvidas na interação com as comunidades e grupos estudados. Elas orientam as práticas e estratégias de pesquisa, garantindo que o trabalho etnográfico seja não apenas rigoroso, mas também respeitoso e representativo das realidades estudadas.

Do ponto de vista da abordagem, a abertura da etnografia para espaços sociais on-line e digitais foi chamada de diferentes maneiras por diferentes autores, e essas diferenças na terminologia às vezes também implicam diferenças na maneira de conceituar essa abordagem de pesquisa digital. Pensando em termos de sistematização de produção no campo e com foco no Brasil, obviamente de maneira limitada, fizemos uma breve e despretensiosa pesquisa sobre temas específicos relacionados à Antropologia Digital e à Etnografia Digital, em duas bases de dados amplamente reconhecidas e utilizadas no Brasil: *Google Acadêmico* e *Periódicos CAPES*. A pesquisa foi conduzida utilizando palavras-chave específicas para identificar a quantidade de publicações em língua portuguesa disponíveis sobre os tópicos em questão.

No *Google Acadêmico*, a busca foi realizada utilizando o recurso “*Publish or Perish*”, que permite uma pesquisa detalhada e específica por título. As palavras-chave pesquisadas e seus respectivos resultados foram:

Resultados

Google Acadêmico - Títulos

Palavra-chave	Número de Retornos
Antropologia digital	36
Etnografia digital	68
Antropologia do ciberespaço	23
Antropologia virtual	11
Etnografia virtual	104
Etnografia do ciberespaço	19
Netnografia	246

Tabela 1 - Resultados da busca em títulos de publicações, lançadas entre 1990 e 2023, pelos termos “antropologia digital”, “etnografia digital”, “antropologia do ciberespaço”, “antropologia virtual”, “etnografia virtual”, “etnografia do ciberespaço” “netnografia”. Data da coleta: 07/08/2024.

Já na base de *Periódicos Capes*, utilizamos os próprios filtros de busca disponibilizados pela plataforma para pesquisar os mesmos termos, e ela nos retornou os índices contidos nas tabelas 2, 3, 4 e 5.

Periódicos Capes - Palavra no Texto

Antropologia Digital

Tipo de Recurso	Número de Retornos
Artigo	33.613
Capítulo de livro	649
Pré-print	200
Livro	81
Paratexto	78
Revisão	64
Editorial	30
Outro	19
Errata	12
Entrada de Referência	11
Dissertação	3
Materiais Suplementares	1
Relatório	1

Tabela 2 - Resultados da busca em títulos de publicações, lançadas entre 1990 e 2023, e nos textos pelo termo “antropologia digital”. Data da coleta: 07/08/2024.

Etnografia Digital

Tipo de Recurso	Número de Retornos
Artigo	549
Editorial	1
Pré-print	1

Tabela 3 - Resultados da busca em títulos de publicações, lançadas entre 1990 e 2023, e nos textos pelo termo “etnografia digital”. Data da coleta: 07/08/2024.

Antropologia Virtual

Tipo de Recurso	Número de Retornos
Artigo	4.645
Capítulo de livro	221
Revisão	16
Livro	10
Editorial	8

Tabela 4 - Resultados da busca em títulos de publicações, lançadas entre 1990 e 2023, e nos textos pelo termo “antropologia virtual”. Data da coleta: 07/08/2024.

Netnografia

Tipo de Recurso	Número de Retornos
Artigo	424
Paratexto	1

Tabela 5 - Resultados da busca em títulos de publicações, lançadas entre 1990 e 2023, e nos textos pelo termo “netnografia”. Data da coleta: 07/08/2024.

Além do material acessado nos dois grandes repositórios acadêmicos anteriormente mencionados, realizamos a leitura de resumos e artigos completos publicados nos anais das Reuniões Brasileiras de Antropologia e das Reuniões de Antropologia do Mercosul, realizadas entre 1990 e 2023. Em termos de tipologia de pesquisa no campo, considerando os objetos e agentes estudados, concluímos que a análise de Patricia Pavesi e Julio Valentim (2023) sobre a

produção acadêmica acerca de Inteligência Artificial, Sistemas de Informação Automatizados (SIA), algoritmos e processos computacionais, na Antropologia e Etnografia computacional e digital, pode ser estendida à Antropologia Digital no Brasil. Os autores identificam algumas perspectivas e caminhos que podem ser agrupados em quatro grandes frentes:

- a) O olhar voltado para as estruturas e condições tecnológicas e geopolíticas que influenciam a construção de plataformas digitais;
- b) questões ontológicas sobre os tipos de existências que emergem de interações complexas entre atores humanos e não humanos;
- c) práticas e usos contextuais das tecnologias digitais pelos sujeitos;
- d) dimensões éticas e regulatórias da pesquisa em ambientes on-line e suas implicações políticas;
- e) desafios metodológicos no campo.

Como um campo de estudos emergente, embora atuante há pelo menos três décadas, é possível perceber, especialmente após as “Jornadas de Junho de 2013” e a Pandemia de Covid-19, o tardio reconhecimento e validação da Antropologia e Etnografia desenvolvidas em ambientes digitais, feitas por pesquisadores que anteriormente eram chamados pejorativamente de “antropólogos Nutella” ou “antropólogos do copia e cola”. No entanto, muitos outros desafios ainda atravessam as diferentes pesquisas no campo e exigem abertura criativa a investigações experimentais. Entre esses desafios estão a construção do espaço social e a delimitação de locais de campo em ambientes digitais (Gomes e Leitão, 2011), a clareza em relação ao tipo de dados que se pretende coletar e os tipos de abordagem em etnografia digital que podem ser utilizados, como as estratégias sinalizadas por Tania Freitas, Carolina Parreiras e Beatriz Lins (2020).

O campo, os dados e os tipos de etnografia digital

Pensando na construção do campo ou dos locais de campo na relação entre agentes humanos e não humanos em ambientes on-line, Angela Paoli e Valentina D’Auria (2021) identificam dois tipos principais: os “campos contextualizados” e os “metacampos”. O que as autoras classificam como “campos contextualizados” são espaços digitais bem definidos, como fóruns de discussão e grupos do Facebook, grupos de WhatsApp, canais do Telegram, Discord, Slack, Trello e similares, onde os membros interagem dentro de um contexto específico, com interações focadas e delimitadas pelo tema do grupo.

Por outro lado, temos o que as autoras chamam de “metacampos”. São campos digitais mais amplos e não delimitados, baseados em palavras-chave ou temas, ou no rastreamento de agentes em perspectiva *ênica* nos diferentes locais de campo. Um exemplo seria os *feeds* do Instagram, X, Tumblr, LinkedIn, Mastodon, Youtube e Tik Tok, onde diferentes postagens podem ser agregadas com base em hashtags como #travel ou #fitness, caracterizando-se também pela coleta massiva de dados através de recursos computacionais ou observação participante artesanal.

Do ponto de vista dos tipos de dados coletados por meio de Etnografia Digital, as pesquisas em etnografia digital no Brasil, em sua maioria, concentram-se na construção de

cadernos de campo com dados menores e mais específicos, conhecidos como *Small Data* e *Thick Data*. Esses dados são coletados com foco na descrição densa, conforme os termos de Postill (2011), “localizando a internet”. Por exemplo, isso pode envolver o estudo das postagens de um pequeno grupo, fóruns, comunidades em mídias sociais ou outros domínios em plataformas digitais, como apps de mensageria, sites institucionais ou autorais.

Mais recentemente, alguns trabalhos têm se aventurado a lidar com *Big Data* ou dados de grandes bancos de dados (IBGE, INEP, TSE, dentre outros) em pesquisas transdisciplinares envolvendo parcerias entre antropólogos e cientistas de dados e pesquisadores dos campos da Ciência Social Computacional e Humanidades Digitais, abordagem que permite a análise de grandes conjuntos de dados de atividades de usuários. Um exemplo seria analisar milhões de tweets sobre as eleições presidenciais para identificar padrões de opinião pública. Essas abordagens utilizam métodos mistos para coletar diferentes tipos de dados e enfrentam os desafios da triangulação de dados de fontes e métodos distintos.

E, por fim, do ponto de vista dos tipos de Etnografia Digital, Paoli e D'auria identificam distintas abordagens que vão além do que se convencionou chamar apressadamente de “Netnografia”, um termo que, segundo eles, foi esvaziado e se distanciou da proposta de Kozinets. Entre essas abordagens estão: a) *Etnografia de Mídias*, que estuda os padrões de atividade e comportamento nas mídias sociais através dos *posts* e interações entre os usuários; b) *Etnografia Digital Contextual*, que é realizada em ambientes digitais semipúblicos ou privados, como grupos do Facebook ou WhatsApp; c) *Etnografia Cross-Media*, que atravessa contextos e ambientes, podendo ser multissituada ou multilocalizada, criando locais de campos em diferentes plataformas e realidades locais. Um exemplo seria uma pesquisa que combina análise de blogs, dados de grupos de mídias sociais e a atenção à materialidade e presentificações corporais em ambientes distintos além das plataformas; d) *Meta-Etnografia Digital*, marcada pela utilização de técnicas de análise de conteúdo e mineração de dados em grandes massas de dados, mas não se limitando a pesquisas exploratórias e análises textuais comuns em trabalhos de Humanidades Digitais.

Certamente, as formas criativas e contextuais, mundanas e localizadas de se fazer etnografia em Antropologia e Etnografia Digital não cabem em categorias herméticas e generalistas, pois como alerta Parreiras em artigo sobre o WhatsApp, constante deste Fórum, estas são coconstruídas em contextos concretos e cotidianos, a partir de negociações entre pesquisadores/as e os diferentes agentes e entidades humanas e não humanas com os quais constroem seus processos de pesquisa.

Resumo dos artigos

O Fórum reúne 7 artigos que exploram diversos aspectos da antropologia digital. Carla Barros analisa o perfil @thallitaxavier no TikTok e Instagram, investigando o “veganismo de periferia” como um fenômeno de consumo e disputa identitária.

Stephanie Lima, Fernanda Martins e Catharina Vilela abordam a internet como espaço de construção de conhecimento e de si para pessoas negras e indígenas, explorando a produção e circulação de conhecimento on-line e off-line.

Thaís Lassali discute a relação entre pesquisadores e os algoritmos das plataformas digitais, utilizando sua pesquisa sobre as reações a um filme *blockbuster* no YouTube para analisar a recepção programada.

Caroline Coutinho Dal'orto investiga as pornotopias digitais e como a exploração comercial da intimidade no camming se articula com discursos morais sobre sexualidade e as novas condições de exposição e trabalho sexual on-line.

Julio Valentim e Patrícia Pavesi exploram a influência das redes familiares, de amizade e das tecnologias digitais na integração de mulheres migrantes em Vitória (ES) utilizando a Análise Multinível de Integração por meio de etnografia e métodos computacionais para examinar a integração em diversas dimensões.

Galba Cristina Bezerra Franca Scartezini e Carlos Eduardo Hemming investigam como servidores 60+ da Universidade Federal de Goiás usam plataformas digitais e como isso impacta a digitalização das relações trabalhistas.

Carolina Parreiras apresenta um artigo sobre o WhatsApp, chamando a atenção para seu processo de plataformização e para seu caráter mundano. Além disso, a partir de suas experiências de pesquisa de campo com o uso do WhatsApp, explora a questão das intimidades e dos desafios de se realizarem pesquisas que envolvam plataformas digitais.

Além dos artigos, trazemos uma entrevista com a antropóloga indiana Sahana Udupa, uma das principais referências de perspectivas decoloniais aplicadas ao digital. E, ainda, a tradução de um importante artigo de Nick Seaver sobre os modos como a antropologia pode contribuir para o estudo de sistemas algorítmicos.

Como este breve resumo dos artigos mostra, estamos falando de um campo altamente criativo, crítico e em rápidas mudanças, que acompanham em alguma medida as próprias transformações tecnológicas. O que a pessoa leitora encontrará são artigos que não apenas apresentam dados de campo, mas que problematizam o próprio uso das tecnologias digitais em investigações etnográficas. Ou mesmo que apontam para questões de relevância social e política, como as já citadas plataformização e datificação da vida. Esperamos que este conjunto de artigos seja mais uma contribuição à história da antropologia digital no Brasil, bem como ajude pesquisadores/as na realização de suas pesquisas no, do, com e para o digital.

Referências Bibliográficas

- ESCOBAR, A. 1994. "Welcome to cyberia: Notes on the anthropology of cyberculture". *Current Anthropology*, 35(3): 211-231.
- KITCHIN, Rob; LAURIAULT, Tracey P. 2015. "Small data in the era of big data". *GeoJournal* v. 80: 463-475. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44076310>
- KOZINETS, R. V. 2010. *Netnography: doing ethnographic research online*. London: Sage Publications.
- KOZINETS, R. V. 2015. *Netnography: redefined*. London: Sage Publications.

- LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. 2011. “Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life”. *Revista Cronos* 12(2).
- LINS, Beatriz; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Tânia. 2020. “Estratégias para pensar o digital”. *Cadernos de Campo* 29(2): 1-11. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181821>
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. 2004. “Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad”. *Horizontes Antropológicos*, 10 (21). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100003>
- PAOLI, Angela; D’AURIA, Valentina. 2021. “Digital Ethnography: A Systematic Literature Review”. *Italian Sociological Review*, 11(4S). Disponível em: <https://doi.org/10.13136/isr.v11i4S.434>
- PASSOS, Luana Paula Peixoto Aglio dos; FACCIN, Leandro Lucas. 2024. “Profissão Digital Influencer: análise exploratória sobre o trabalho de mulheres consideradas influencers nas redes sociais digitais”. Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia.
- PAVESI, Patrícia; VALENTIM, Julio. 2024. Inteligência Artificial e Ciências Sociais: abordagens e desafios. In: Jorge Luis dos Santos Junior. (Org.). *Nanotecnologia, sociedade e meio ambiente: Convergências, divergências e insurgências tecnológicas*. Curitiba: CRV, 2024, v. 01, p. 157-178.
- POSTILL, John. 2011. *Localizing the Internet: An anthropological account*. Berghahn Books.
- SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (orgs.). 2016. *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. 2004. “Apresentação”. *Horizontes Antropológicos* 10 (21). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100001>